



## O CURUPIRA: MEMÓRIA E IDENTIDADE NO MITO AMAZÔNICO

### THE CURUPIRA: MEMORY AND IDENTITY IN THE AMAZONIAN MYTH

Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares<sup>1</sup>, Maria Luiza Rodrigues Faleiros Lima<sup>2</sup>

#### RESUMO

O Curupira, criatura fantástica que povoa o imaginário amazônico, é conhecido como um grande defensor da flora e da fauna, sendo capaz de confundir e até mesmo matar pessoas incautas que adentram a natureza a fim de cometerem atos violentos contra as árvores e animais. Narrativas com essa personagem central têm sido (re)contadas há séculos, adquirindo perspectivas singulares a cada vez que se modificam. Ao analisarmos as fontes primárias, mais precisamente às 392 edições dos sete periódicos do século XIX disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital), veiculados na cidade de Cametá, interior da Província do Grão-Pará, observamos a publicação de uma prosa de ficção, intitulada *O Curupira*, veiculada na seção *Variedades – Pérolas do Passado*, em 01 de dezembro de 1889, no periódico *A Reacção*, relatando a interação entre uma jovem e o Curupira. Interessante notar que não há menção ao caráter de protetor das matas do Curupira, uma vez que ele aparece como uma figura que seduz e engravida a jovem. Para consubstanciar a pesquisa, utilizamos o aporte teórico de autores como: Barbosa (2007); Cascudo (2012); Candido (2000); Smith (2022), entre outros. Assim sendo, esse trabalho procurou analisar o conto em questão, a fim de identificar a memória e identidade desse mito amazônico e, mais especificamente, a releitura e atualização na narrativa publicada na cidade de Cametá.

**Palavras-chave:** prosa de ficção; século XIX; lendas Amazônicas; jornais Cametaenses.

#### ABSTRACT

*The Curupira, a fantastic creature that populates the Amazonian imagination, is known as a great defender of flora and fauna, capable of confusing and even killing unwary people who enter nature in order to commit violent acts against trees and animals. Narratives featuring this*

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura-PPGEDUC/UFGA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8718-0494>. E-mail: [lucilena@ufpa.br](mailto:lucilena@ufpa.br)

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL/UFGA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9740-7138>. E-mail: [marialuiza@ufpa.br](mailto:marialuiza@ufpa.br)

*central character have been (re)told for centuries, acquiring unique perspectives each time they change. When we analyzed the primary sources, more precisely the 392 editions of the seven 19th century periodicals available for consultation in the Brazilian National Library's Digital Library (BNDigital), published in the city of Cametá, in the interior of the province of Grão-Pará, we observed the publication of a prose fiction, entitled O Curupira, published in the Variedades - Pérolas do Passado section, on December 1, 1889, in the periodical A Reacção, reporting on the interaction between a young girl and the Curupira. It is interesting to note that there is no mention of the Curupira's role as protector of the forests, since he appears as a figure who seduces and impregnates the young woman. To substantiate the research, we used the theoretical contribution of authors such as: Barbosa (2007); Cascudo (2012); Candido (2000); Smith (2022), among others. Therefore, this work sought to analyze the tale in question in order to identify the memory and identity of this Amazonian myth and, more specifically, the re-reading and updating in the narrative published in the city of Cametá.*

**Keywords:** *fiction prose; 19th century; Amazonian legends; Cametá newspapers.*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O século XIX proporcionou significativo progresso sociocultural para as cidades, que testemunharam avanços tecnológicos e crescimento populacional. Cametá, uma das cidades mais relevantes da Província do Grão-Pará, testemunhou, também, tais mudanças. Seu comércio desenvolvia-se sobremaneira e parte da população vivenciava o trânsito marítimo e literário por meio dos vapores que navegavam pela região, vindos do continente europeu, de onde traziam bagagens de livros, jornais e revistas para assinantes paraenses e Gabinetes de Leitura.<sup>3</sup>

Os periódicos oitocentistas disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira demonstram que a vida literária e social cametaense era diversa. As notícias documentam inaugurações e manutenções de clubes, sociedades artísticas e gabinetes literários, onde o público buscava entretenimento, cursos e informações para se atualizar a respeito de teatro, bailes e encontro literário.

Fundada em 24 de dezembro de 1635, Cametá é uma das cidades mais antigas do estado do Pará. Localizada em um platô à margem esquerda do rio Tocantins, possui grande tradição e importância histórica e cultural, além de belezas naturais, que advêm de suas praias, igarapés, florestas e ilhas.

Por ser uma cidade histórica, os mitos e lendas permanecem enraizados na cultura local, como narrativas de boto, propalada criatura lendária que sai dos rios para seduzir e engravidar as moças ribeirinhas, e do curupira, representação de um ente fantástico das matas, de cabelos cor de fogo e pés virados para trás.

Câmara Cascudo faz referência ao que o Padre José de Anchieta menciona a respeito desse ser mitológico que habitava as florestas e o imaginário amazônico:

<sup>3</sup> "O que é um gabinete de leitura? é a casa em que cada um vai, por módico estipêndio, entregar-se a seus gostos; – é um foco de instrução; – é a livreria o povo, desses a quem não abundam meios de pagar por um livro preço excessivo, e que, todavia podem dar 2\$000 rs. por mês para lerem quando puderem" (Jornal Gabinete de Leitura: Serões das Famílias Brasileiras: Jornal para todas as classes, Sexos e Idades, Nº 1, de 13/08/1837.p. 1).

É coisa sabida e pela boca de todos corre que há certos demônios, a que os Brasis chamam Corupira, que acometem aos Índios muitas vezes no mato, dão-lhes de açoites, machucam-n'os e matam-n'os. São testemunhas disto os nossos Irmãos, que viram algumas vezes os mortos por eles. Por isso, costumam os Índios deixar de certo caminho, que por ásperas brenhas vai ter ao interior das terras, no cume da mais alta montanha, quando por cá passam, penas de aves, abanadores, flechas e outras coisas semelhantes, como uma espécie de oblação, rogando fervorosamente aos Curupiras que não lhes façam mal (Padre Joseph de Anchieta – Carta de São Vicente, 31 de maio de 1560 [Décima] *apud* Cascudo, 2012, p. 102).

Importante notar que desde os primórdios da colonização do Brasil as narrativas sobre o curupira são propagadas e Câmara Cascudo, grande estudioso da cultura brasileira, revela-nos que ao próprio padre José de Anchieta, ainda em carta datada de 1560, não passaram despercebidas, haja vista o tempo de convivência com os indígenas. Sob a mesma perspectiva, Gondim (1994, p. 208) também aborda o referido mito.

Na Amazônia, as populações indígenas tinham por hábito a contação de histórias como momento de descanso e entretenimento, o que constatamos com a referendada carta de José de Anchieta reportando a lenda, mas importa enfatizar o caráter aterrador dessa história em particular, uma vez que é sabida a coragem de nossos indígenas ancestrais, que destinavam oferendas ao curupira a fim de que não fossem por ele molestados. Herbert H. Smith, a partir de uma viagem à Amazônia, em 1870, revela-nos na obra *BRAZIL: THE AMAZONS AND THE COAST* (1879), como acontecia:

Os índios se reúnem em torno da fogueira; trabalho diuturno está findo e o jantar já foi comido; estranhas sombras e luzes dançam por sobre os troncos e ramos e sobre a sombria água mais adiante. Ouçamos agora, enquanto eles contam estórias da floresta e de seus habitantes (Smith, 2022, p. 393).

A lenda do curupira é uma das mais conhecidas no interior da Amazônia e aborda um caráter fundamental para a preservação das matas e florestas da região, pois esse ser lendário seria uma espécie de guardião da flora amazônica e, geralmente, costuma castigar, mundiar<sup>4</sup> e assombrar aqueles que tencionavam desmatar a floresta:

Em toda parte da Amazônia ouve-se falar do curupira, que vive na floresta e que faz com que as pessoas se percam para destruí-las. **Dizem que é um homem baixo, escuro, seus pés voltados para trás, de tal modo que suas pegadas ficam ao revés;** e quem quiser fugir dele, observando-lhe o rastro, correrá para sua própria destruição. **Alguns dizem que o curupira é careca, que tem orelhas enormes ou dentes verdes; mas nesses particulares as descrições variam.** Os índios usam o nome genericamente, evidentemente acreditando que há muitos curupiras, como há muitos veados ou macacos\* [O Prof. Hartt (*O mytho* do curupira, p.2) diz: “Uma índia de Manaus disse-me haver muitos curupiras, de ambos os sexos, que viviam no oco dos paus; têm a forma de índios; a fêmea é mais carnuda que o macho e tem cabelos compridos” (Smith, 2022, p. 413, grifo nosso).

<sup>4</sup> Segundo o Dicionário Michaelis Online o verbo ‘mundiar’ é próprio dos estados do Amazonas e Pará, significando: sujeitar à ação de feitiço(s); fazer encantamento a; encantar, magnetizar, seduzir

Desde a época da colonização, há fatos reportados por vários autores a respeito das lendas do curupira, Smith (2022) apresenta-nos uma versão na qual existiria o curupira macho e a fêmea, e que teriam, inclusive, famílias. Mas a lenda que se tornou mais conhecida foi a de o curupira protetor das florestas, conforme assevera Cascudo (2012):

O Curupira é o deus que protege as florestas. As tradições representam-no como um pequeno Tapuio, com os pés voltados para trás, e sem os orifícios necessários para as secreções indispensáveis à vida, pelo que a gente do Pará diz que ele é mucijo. O Curupira ou Currupira, como nós o chamamos no sul, figura em uma infinidade de lendas, tanto no norte como no sul do Império. No Pará, quando se viaja pelos rios e ouve-se alguma pancada longínqua no meio dos bosques, os remeiros dizem que é Curupira que está batendo nas sapupemas, a ver se as árvores estão suficientemente fortes para sofrerem a ação de alguma tempestade que está próxima. **A função do Curupira é proteger as florestas. Todo aquele que derriba, ou por qualquer modo estraga inutilmente as árvores, é punido por ele com a pena de errar tempos imensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho da casa, ou meio algum de chegar entre os seus** (Cascudo, 2012, p. 96, grifo nosso).

Vejam os que as descrições físicas do curupira são muito aproximadas umas das outras, “um pequeno Tapuio, com os pés voltados para trás”, estatura baixa, corpo acobreado, cabelos avermelhados etc., mas importa mencionar que a lenda do curupira publicada no jornal cametaense *A Reação*, de 1889, teve o percurso do enredo modificado tanto nas características físicas do lendário, quanto no desfecho da história, conforme veremos mais adiante.

## O INTERIOR AMAZÔNICO E A LITERATURA REGIONAL

Reconhecida como uma das mais importantes cidades da Província, “Cametá é uma das mais antigas cidades do Pará, medindo apenas a diferença de 20 anos entre a fundação dela e a de Belém, capital do Estado, da qual está distante cerca de 200 quilômetros” (Moura, 1989, p. 76). Nesse município, a presença da imprensa e o número significativo de jornais publicados permitem afirmar que o interior paraense, em particular, a região mencionada, valorizava a cultura letrada e não se mantinha à margem do que acontecia no restante do país e do mundo em matéria literária, haja vista que sua localização tinha importante rota de navegação e os vapores favoreciam a importação de livros e jornais. Tavares (2020), no livro *Laços Luso-Paraenses na Imprensa Oitocentista*, afirma que:

Quanto aos meios de transporte entre o Brasil e a antiga metrópole, o Grão-Pará, por desfrutar de privilegiada localização para a navegação via oceano, recebia com frequência embarcações de diversas nacionalidades, isso porque muitas delas aportavam em Belém, que era canal de entrada e saída de muitas navegações. Assim era mais fácil viajar para o exterior do país do que para as demais províncias brasileiras (Tavares, 2020, p. 52).

Esse trânsito frequente na província possibilitou, em 1886, ao português Oscar Leal visitar o interior da região e informar-nos que “tomando lugar a bordo do vapor Xingu, em um dos primeiros dias de setembro parti com passagem até Cametá” (Leal, 2012, p. 24). O relato do viajante refere-se à cidade como um lugar de pessoas ilustradas, o que ratifica a relevância histórica do

município: “Cametá tem sido berço de vários homens ilustres e que deixaram nome na história pátria. Todos, pelo costume do tempo formados em teologia, chegaram a salientar-se nobremente, ocupando cargos dos mais elevados do país” (Leal, 2012, p. 28).

Conforme Antonio Candido (2000, p. 23), o sistema literário constitui-se quando há “a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros”, nesse sentido, observamos que as condições na cidade de Cametá eram propícias para a circulação da prosa de ficção e demais gêneros literários, uma vez que havia os produtores literários dispostos a publicarem nos jornais e um público capaz de ler e entender a linguagem dessas obras. Desse modo, a imprensa na época era importante facilitadora da circulação da cultura letrada. Tal fato é corroborado por Socorro Pacífico Barbosa, ao afirmar que:

Outro importante aspecto da circulação da cultura letrada que os jornais revelam com bastante propriedade diz respeito à integração entre as províncias e a circulação de livros e periódicos. Esta e as outras pesquisas em jornais têm desmentido a concepção corrente, segunda a qual as províncias viviam culturalmente isoladas e, no máximo, mantinham contato com a Corte, ou a capital da República. Ao contrário, os jornais e periódicos revelam que havia um movimento intenso entre as províncias, o que incluía a troca de jornais, o recebimento de livros, a crítica literária, tudo isso apresentado em notas que, por si só, já constituem fonte de documentos e de pesquisas para uma história da leitura no Brasil que não se limita às fontes bibliográficas tradicionais (Barbosa, 2007, p. 83-84).

Foi essa integração entre a Província do Grão-Pará e o interior que possibilitou a chegada da imprensa em Cametá. Nos jornais cametaenses encontramos diversas publicações de autores brasileiros e estrangeiros. Entre os nomes estão escritores consagrados pela crítica, como Júlia Lopes de Almeida, Machado de Assis, Arthur Azevedo, Bernardo Guimarães, André Theuriot, Ivan Turgueniev, entre outros.

Entre as obras publicadas nos jornais cametaenses, merece destaque o conto *O Curupira*, inspirado em uma das lendas regionais. A literatura de cunho regionalista tenta expressar o local, a cultura particular de um povo de uma região específica, mas ao fazer isso não deixa de falar do universal. Em um país de dimensões continentais como o Brasil, a literatura da região tratará de suas culturas, diversidade, lendas, costumes e folclore.

A tendência de tratar as peculiaridades da região iniciou na Literatura durante o movimento romântico e consolidou-se, mais tarde, com o Realismo. Falar do indígena, do quilombola, do sertanejo, do retirante, do ribeirinho, do homem das florestas do Norte, entre outros, tornou-se importante para autores como José de Alencar, Visconde de Taunay e Franklin Távora, Simão Lopes Neto e Guimarães Rosa, outros tantos escritores nacionais (Bosi, 1992, p. 192).

Dessa forma, houve cada vez mais um impulso para se valorizar, analisar e interpretar o que é típico do Brasil, suas particularidades e valores. Assim sendo, Afrânio Coutinho, no livro *A Literatura no Brasil*, dedica um capítulo especial para tratar sobre o Regionalismo na literatura, frisando sua importância:

Coincidindo, como ficou salientado na introdução dessa obra, com o movimento de valorização, análise e interpretação da realidade brasileira, o Realismo deu prosseguimento àquela marcha introspectiva proveniente do romantismo,

mergulhando no magma nacional à procura da compreensão de seus valores e motivos de vida, e, ao mesmo tempo, buscando nele as fontes de nutrição e inspiração intelectual (Coutinho, 1969, p. 219).

Observamos aqui uma preocupação do movimento realista em tratar a realidade nacional e regional, levando a uma nova compreensão dos valores e motivos locais, que havia sido iniciada pelo Romantismo. Ao tentar definir o que é o regionalismo, Coutinho cita George Stewart:

De acordo com George Stewart podemos definir o regionalismo de duas maneiras. Num sentido largo, toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região particular ou parece germinar intimamente desse fundo. Nesse sentido, um romance pode ser localizado numa cidade e tratar de um problema universal, de sorte que a localização é incidental. Mais estritamente, para ser regional uma obra de arte não somente tem que ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância desse local. Essa substância decorre, primeiramente, do fundo natural – clima, topografia, flora, fauna etc. – como elementos que afetam a vida humana na região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Este último é o sentido do regionalismo autêntico (Coutinho, 1969, p. 220).

A literatura de cunho regional tomou assento na literatura brasileira, influenciando diversos autores a abordarem, nas obras, temáticas cujas peculiaridades refletissem não somente o *locus*, mas também a cultura e a tradição da região. Segundo Stewart, regionalismo seria toda obra que retrata uma região específica, sua topografia, clima, flora ou fauna, além de tratar as peculiaridades locais. O autor reitera a importância de se abordar essas particularidades regionais nas obras literárias, pois são uma rica fonte de cultura e interesse.

Segundo o pensamento de Coutinho, quanto mais particular for uma obra, mais universal ela será. Nessa perspectiva, o homem amazônida, sempre em contato com os rios e a floresta, ou seja, com a Natureza, expressa para além de seu estado físico, a introspecção que lhe é peculiar.

A principal personagem de quase todos os livros sobre a Amazônia é a paisagem. Isto é, a Natureza, que embora áspera e agressiva, apontando inexoravelmente o caminho de volta, em verdade fascina e deslumbra. Há uma fatalidade geográfica que conduz o homem da mesopotâmia brasileira ao grave mistério dos mitos e à estranha poesia dos “casos”. A Natureza, que é na Amazônia ao mesmo tempo terror, beleza e magia, explica a vocação lírica e a tendência mística do homem. A imaginação do homem amazônico é uma diátese geográfica: mergulha suas raízes no próprio ventre da terra. Para compreendê-la é essencial o conhecimento do clima psicológico que a gerou. O caráter do habitante da planície é a saturação das suas próprias inquietações. Comprimido entre duas terríveis melancolias: a do rio e a da floresta, ele se volve para si mesmo – e contrariando-se na angústia da introversão, foge à realidade cósmica pela imaginação, que gera os mitos e as lendas, os fantasmas e os talismãs, os espantos, os duendes, as superstições, todo o encantamento do fabulário caboclo do Inferno Verde (Coutinho, 1969, p. 225).

Nesse sentido, a literatura do Norte representa, na maioria das vezes, a natureza imponente tentando dominar o caboclo amazônida, de certa maneira, introspectivo, pois tem que voltar os olhos para si mesmo, a fim de que a natureza não o destrua. Dessa forma, a literatura reflete os mitos, as lendas e o imaginário amazônicos, ricos em histórias e “causos” para contar.



Para compreender a literatura regionalista, é preciso ter em mente o conceito de região. Milton Santos, em seu livro *Metamorfoses do Espaço Habitado* (1988), afirma que, durante muito tempo, os estudiosos trataram a região de maneira isolada do mundo como um todo, mas que ela deve ser vista como algo que une e abrange vários aspectos culturais. Assim, a forma como interpretamos o conceito de região deve evoluir de acordo com o avanço e as transformações mundiais, pois cada vez mais surgem novos territórios, os espaços reorganizam-se e assim, os pressupostos antigos vão se tornando inválidos. Para Santos:

Estudar uma região significa penetrar num mar de relações, formas, funções, organizações, estruturas etc., com seus mais distintos níveis de interação e contradição.

Se o espaço se torna uno para atender às necessidades de uma produção globalizada, as regiões aparecem como as distintas versões da mundialização. Esta não garante a homogeneidade, mas, ao contrário, instiga diferenças, reforça-as e até mesmo depende dela. Quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos (Santos, 1988, p. 46).

Dessa forma, estudar uma região é atentar para as relações entre seus habitantes, sua geografia, suas formas, uma vez que cada local tem suas interações específicas, o que torna necessária a compreensão do mundo como um todo. Nesse sentido, a literatura da Amazônia revela-nos não apenas os traços e culturas de um povo em particular, mas, notadamente, sua ancestralidade, marcada por construções de suas singularidades, no que diz respeito aos medos, crenças, tradições e memórias.

## O CURUPIRA: MEMÓRIAS DAS GENTES DA/NA AMAZÔNIA

Nos periódicos publicados durante o século XIX na Província do Grão-Pará, atualmente disponibilizados na Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional, somam-se mais de cinco mil menções à cidade de Cametá e região. Um número tão significativo permite averiguar sua importância em um contexto regional e também nacional, entretanto, são poucos os textos com temática regional veiculados.

José Luís Jobim, ao tratar sobre o produto literário nacional e suas raízes do passado, afirma que:

Como sabemos, há diversos modos de ver o passado. Conforme o princípio a ser empregado no modo que escolhermos, poderemos ter um resultado diferente. Quando falamos da história da literatura brasileira, por exemplo, podemos, entre outras opções, ou colocá-la em um conjunto de textos mais amplo temporal e geograficamente, que a caracterize como uma das manifestações de uma herança que remonta às origens da latinidade, ou colocá-la em um conjunto mais restrito, a partir do século XIX e em relação a Portugal. De todo modo, a própria delimitação do sentido daquilo a que chamaremos literatura brasileira já será também fruto de um princípio empregado para defini-la, e não é novidade dizer que, como discurso, a própria História se constrói a partir de princípios ou premissas nem sempre visíveis para quem a elabora (Jobim, 2013, p. 17).

Isto posto, é importante compreender que a literatura brasileira decorre, muitas vezes, de boa parte das experiências do passado, seja este o resultado de herança local ou global. Nesse sentido, abordamos o conto *O Curupira*, publicado no jornal *A Reação*, na seção intitulada *Pérolas*

do *Passado*, em primeiro de dezembro de 1889. Essa narrativa apresenta um conhecido personagem das lendas amazônicas, mas com um enredo bastante instigante, no sentido de apropriação cultural.

A temática das lendas amazônicas em um jornal cametaense é relevante, pois aproxima o público leitor de seu contexto regional e, consequentemente, valoriza a cor local, uma vez que a cidade de Cametá é parte integrante da Amazônia.

O título da seção, *Pérolas do Passado*, compreende as lendas e saberes próprios da região, considerados dignos de nota, pois passadas de geração em geração, tais histórias ainda são fonte de interesse do público. A narrativa *O Curupira* inicia com uma descrição da paisagem local:

O sol mal pode romper a muralha de verdura da mata virgem, que borda as margens das últimas cabeceiras, a nascente de um dos afluentes, d'esse rio ouro; o Anajás, d'onde tantos milhares de contos tem saído em borracha, e onde ficarem centenárias de vida e a felicidade de inúmeras famílias, que ali deixam a saúde e a honra! Cercada de arvores gigantes de lindas florida, à beira do rio em seco, está uma cabana, coberta de folhas de cantan e cujos quartões são feitos da mesma folha. Um cão ladra na varanda da frente, assoalhada de paxiúba e um galo canta no terreiro (*A Reacção*, 01/12/1889, nº 155, p. 3).

A típica paisagem amazônica remete-se ao conceito proposto por Santos, de que paisagem seria tudo aquilo que se vê, ou seja, o que a visão pode alcançar, e ainda “esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (Santos, 1988, p. 61). Dessa forma, a paisagem seria tudo que se vê, a percepção do mundo e do real e dependerá de onde se está, ou seja, ampliará ou diminuirá de acordo com o posicionamento no espaço.

Assim sendo, a percepção da paisagem é algo sensorial e muito pessoal. A paisagem pode ser natural ou artificial, dependendo do número de transformações e modificações impostas pelo homem. Santos afirma que:

A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se fez um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos (Santos, 1988, p. 23).

Segundo o autor, a paisagem está sempre à frente com suas transformações, características e propriedades, e ao analisarmos a literatura regional constatamos que ela sempre estará presente, pois é a Natureza que dá o tom dos escritos do Norte e, também, do Brasil como um todo.

A narrativa *O Curupira* apresenta a mata virgem, as árvores gigantes, o rio, símbolos da natureza sempre presente, típicas da região amazônica, e a cabana coberta de folhagens, feita com a paxiúba, árvore típica das regiões alagadas. Entretanto, não é possível precisar em qual município a lenda se passa, mas é na beira do rio Anajás. No trecho citado há uma crítica à sociedade extrativista da borracha, pois o autor desconhecido afirma que milhares de contos de réis saíram de lá, além de muitas vidas e honras perdidas.

Como sabemos, a figura do curupira é típica do folclore brasileiro e seria um ser que habita as matas locais. De baixa estatura, possui cabelos cor de fogo e os pés voltados para trás, sendo uma figura indígena forte e protetora das árvores e animais da floresta. A presença do sobrenatural no conto em questão é retratada no quarto parágrafo: “o canto do galo e latir do cão prolonga-se



pela mata por muito tempo; direis produzido por pulmões sobrenaturais” (*A Reação*, nº.155, 01/12/1889, p. 3), o que remete a fato ou situação prestes a acontecer ou já acontecido de extraordinário.

O cenário apresentado na narrativa, em meio à fauna e flora característicos da região aponta que “Do fundo d’essa barraca, já tocada pela velhice do tempo sahia um gemido paco e doloroso, manifestação triste da miséria e fraquesa da humanidade”, era uma velha senhora que apelava “para a Providencia, porque a confiança no valor próprio e alheio lhe fugira”, pois a idade e o tempo lhe consumiam lentamente, “Mas a par d’esse gemido ouve-se uma voz de anjo, derramando o balsamo da consolação, n’esse outro peito oppresso pela dor!” (*A Reação*, nº.155, 01/12/1889, p. 3).

O narrador apresenta, em meio ao cenário amazônico, duas mulheres, avó e neta, que sustentam a lenda do *Curupira* a partir da necessidade de justificar ações naturais como sobrenaturais. Em diálogo, a idosa confessa para a neta a proximidade da morte, devido ser “velha, acabrunhada de dores phisicas, cansada, exausta”, ao que a neta revela também sofrer, mas por uma causa que não tem solução.

A jovem infeliz relata à avó que o motivo do seu sofrimento é o fato de não poder se casar com o noivo Eugenio, e revela toda a sua angústia:

Porque eu sou uma desgraçada e o amo com delírio. Oh! Avozinha não me retire a sua estima, mas Eugenio é bom, franco e generoso, como poderia enganá-lo? A desgraça marcou-me com um sinal indelével. Dentro de mim se agita um ser innocente, que é filha do crime e essa criança não é filha de Eugenio! (*A Reação*, nº.155, 01/12/1889, p. 3).

A partir dessa revelação, a neta recorda à avó que “um dia, perdida na mata, lutando em vão por encontrar o caminho”, encontrou “um jovem formoso e cheio de bondade” que a ajudou a passar a noite na floresta:

Pois bem! Nesse dia, quando eu já tinha desesperado e perdido até a fê e que, quanto mais caminhava, mais me fugia o termo do caminho, encontrando sempre o mesmo lugar, as mesmas arvores, surgiu de repente junto de mim um **jovem formoso e cheio de bondade**. – Bela menina, me disse ele, está perdida? – Sim, murmurei eu tremendo por julga-lo **um anjo disfarçado**. Tantas vezes invocara a proteção do céu! (*A Reação*, nº.155, 01/12/1889, p. 4, grifo nosso).

Segundo a neta, o jovem rapaz tranquiliza-a e alerta-a sobre a assombração do Curupira:

Tranquelize-se, disse ele: é o Curupira que a assombrou. Descanse, estou eu aqui. Sobre mim não tem ele poder algum. O gênio das trevas que aqui habita a mata não ousará tocá-la; mas a sua casa está longe, muito longe e perto d’aqui não há habitação de homens. É quase noite. Espere um pouco; vou buscar lhe algumas fructas e agoa; deve ter fome. Depois dormirá e eu valarei por si. Amanhã leva-la-ei à sua caza (*A Reação*, nº.155, 01/12/1889, p. 4).

Nessa primeira referência ao curupira na narrativa, o jovem, ao ajudar a moça, diz que o curupira não tem poderes sobre ele, mas não explica o motivo de ser imune ao lendário, o que nos permite aventar que ele seria o próprio curupira. Ao acordar, no dia seguinte, a moça “sentia a cabeça pesada, uma sensação estranha no corpo todo, um mal estar geral, com abatimento” e lembrara que “tivera sonhos horrorozos e parecera-me que um homem apertando-me com os seus

braços, me violara. Via-o porem sorrir e esse mal estar desapareceu”. Tal fato revela o que nos parece ser comum nas lendas amazônicas, a tentativa de subverter a ordem natural da vida.

Ao retornar, no outro dia para casa, a moça omite da avó o acontecimento e só revela ao descobrir-se grávida, “Passou-se algum tempo: comecei a sentir agitar-se no meu seio um outro ser: estava grávida. O que hei-de fazer agora?”. Para surpresa da neta, a avó, sagazmente, reporta o episódio ao curupira e o filho que carrega no ventre seria filho dessa lendária criatura: “O curupira! Exclamou a velha; trazes em ti o filho do curupira!! Foi elle, filha, que depois de ter-te feito perder o tino, transformou-se em moço bonito para perder-te! Oh! que desgraça!” (*A Reação*, nº.155, 01/12/1889, p. 3).

Importante notar que a avó usa a figura do curupira como estratégia para encobrir a “desonra” da neta. Mircea Eliade (1972, p. 19) pontua que “nas civilizações primitivas, o mito desempenha uma função indispensável: ele exprime, enaltece, e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais, garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem”. Nesse sentido, a idosa mantém a tradição da fabulação como forma de assegurar o casamento da neta.

Ao atribuir a gravidez da jovem a uma entidade mítica, a desonra familiar deixa de existir. O fato de a moça ter sido seduzida pelo curupira não é visto como irreal, a avó acredita plenamente na neta, ou seja, a crença na lenda é internalizada, haja vista que:

O mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa da “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras (Eliade, 1972, p. 9).

Desta feita, ao atribuir a gravidez ao curupira, a narrativa apresenta um desfecho surpreendente, pois Eugênio, o noivo da jovem grávida, ouviu toda a conversa entre a avó e a neta e reclama: “O meu primeiro amor!... os meus sonhos de ventura!... Oh! Como os homens são perversos!... Mas, que culpa tem essa criança?...”. No desabafo de Eugênio não há menção ao curupira, mas sim à perversidade dos homens, contudo, assegura que a “pobre creança, vítima da perversidade e dos instintos bestiais de um miserável qualquer, não ficará abandonada: – o filho do Curupira será meu filho!...”. A respeito da postura adotada por Eugênio em assumir a paternidade da criança, Homi Bhabha (1998) pontua que:

O espaço do povo-nação moderno nunca é simplesmente horizontal. Seu movimento metafórico requer um tipo de ‘duplicidade’ de escrita, uma temporalidade de representação que se move entre formações culturais e processos sociais sem uma lógica causal centrada. E tais movimentos culturais dispersam o tempo homogêneo, visual, da sociedade horizontal. A linguagem secular da interpretação necessita então ir além da presença do olhar crítico horizontal se formos atribuir autoridade narrativa adequada à ‘energia não-sequencial proveniente da memória histórica vivenciada e da subjetividade (Bhabha, 1998, p. 201).

Assim sendo, a narrativa *O Curupira* não estabelece tal horizontalidade, uma vez que rompe com duas perspectivas: a primeira, relacionada ao ser lendário, protetor da floresta que:

Na província do Pará, quando viajante houve algum ruído longínquo na floresta os canoieiros dizem que é o curupira, batendo nas *sapopembas*\* [\*Grandes raízes achatadas e salientes que servem de suporte a muitas árvores da floresta no Brasil] para ver se as árvores são suficientemente Fortes para aguentar a tempestade que vem vindo. A função do curupira é proteger as florestas. Qualquer um que corte ou estrague as árvores é punido por ser forçado a errar por grande tempo nas matas, sem conseguir achar a saída (Magalhães *apud* Smith, 2022, p. 415).

Esta primeira expectativa é quebrada pela representação do curupira como um “jovem formoso e cheio de bondade”, que não atua como protetor das matas, mas sim como um sedutor que “viola” as moças virgens do interior da Amazônia.

A segunda perspectiva, remete-nos a um desfecho inesperado da narrativa, pois o noivo ultrajado assume a postura cavalheiresca de casar-se com a jovem, mesmo ciente de que o filho não era seu: “– ainda há anjos na terra, meu Deus, disse ella”.

Essa duplicidade de escrita e subjetividade justifica a manutenção do mito amazônico como forma de aceitação de realidades que não podem ser justificadas objetivamente: “Alguns dias depois, a velha tendo melhorado, embarcaram-se para Breves e lá se casaram” (*A Reação*, n.155, 01/12/1889, p. 4).

O desfecho do enredo instiga o leitor a uma possível continuação, ao afirmar que “o filho do Curupira é hoje um rapaz de 20 anos. Talvez ainda o venhamos a conhecer” (*A Reação*, n.155, 01/12/1889, p. 4).

Esse artifício empregado pelo narrador aguçava o interesse do leitor e aumentava as vendas de jornais, criando-se assim “uma cumplicidade com o leitor, por meio do uso da fórmula do ‘continua amanhã...’” (Sales, 2014, p. 44).

De fato, no dia 29 do mesmo mês, foi publicada a prosa de ficção *O Filho do Curupira* que poderia ser a continuação da anterior, uma vez que essa se passa em Belém e narra a história de uma família que acolhe um jovem prestes a desmaiar na rua, um médico é chamado para cuidar do doente. Entretanto, não foi possível confirmar, pois a narrativa não teve continuação nas edições seguintes disponíveis do periódico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os tempos memoriais, a Literatura com caráter regionalista, retratando os costumes de um determinado povo ou região, tem atuado como forma de resgatar o passado e a memória, transformando as características locais em universais, haja vista as correlações entre os diversos mitos e lendas que encontram reinterpretações em outros locais, transcendendo, assim, as fronteiras dos estados e países.

No que diz respeito à região amazônica, podemos notar que os povos originários, desde os primórdios da chegada dos portugueses, tinham a preocupação de instaurar, por meio dos mitos e lendas, a preservação da floresta, das matas e dos rios. Essa temática continua sendo pertinente e necessária, em tempos em que a Amazônia apresenta um alto índice de desmatamento, comprometendo, principalmente, a qualidade de vida dos povos da floresta, que tem suas terras expropriadas por grandes latifundiários e com as mudanças climáticas que comprometem a vida no planeta.

No interior da Província do Grão-Pará, mais especificamente na cidade de Cametá, a cultura local apresentou-se, de forma atualizada, através da lenda do Curupira, o ser mitológico que se aproxima dos seres humanos a fim de impedir a violência contra a fauna e a flora. Na narrativa analisada neste trabalho, observamos a tentativa de utilização do mito, transmitido através das gerações, para justificar os desvios comportamentais que não eram esperados das jovens mulheres, como uma gravidez indesejada. Assim, devido ao seu caráter sobrenatural, o filho bastardo poderia ser introduzido de forma natural ao seio familiar.

A publicação desse texto narrativo, que possui tais elementos mitológicos, permite averiguar a transmissão e permanência dos costumes, ideias e comportamentos que interessavam ao público leitor da cidade de Cametá e demonstrar a importância histórica, cultural, social e literária da memória e da identidade da Amazônia, que perduram desde os primórdios da colonização, até a nossa contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- BARBOSA, Socorro de Fátima. *Jornal e literatura: a imprensa Brasileira no Século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- BARBOSA, Socorro de Fátima (org.). *Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX*. João Pessoa: UFPB, 2014.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1991.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 2000.
- CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: Global Editora, 2002.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969. v. 3.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- JOBIM, José Luís. *Literatura e cultura: do nacional ao transnacional*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- LEAL, Oscar. *Viagem a um país de selvagem*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2012.
- MOURA, Inácio. *De Belém a S. João do Araguaia: Vale do Rio Tocantins*. Belém: Secretaria de Estado da Cultura; Fundação Cultura do Pará, 1989.
- SALES, Germana Maria Araújo. Rastros da memória cultural no período Oitocentista. In: BARBOSA, Socorro de Fátima (org.). *Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX*. João Pessoa: UFPB, 2014.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SMITH, Herbert H. *Brasil: a Amazônia*. 2. ed. Belém: Paka-Tatu, 2022.

TAVARES, Maria Lucilena Gonzaga Costa. *Laços Luso-Paraenses na Imprensa Oitocentista*. Belém: UFPA, Cátedra João Lúcio de Azevedo, 2020.

### **Fontes Primárias (Periódicos)**

*A Reação* (1889)

*Jornal Gabinete de Leitura: Serões das Famílias Brasileiras: Jornal para todas as classes, Sexos e Idades* (1837).